

EXPRESSO DO MEIO-DIA

Debate O sector tem um enorme potencial, mas é preciso criar mais valor acrescentado para vingar lá fora. Inovação e parcerias são vitais

Indústria agroalimentar está “a ferver”

Textos **LILIANA COELHO**
Fotos **TIAGO MIRANDA**

Se a indústria agroalimentar já foi vista como pouco atrativa, hoje é cada vez mais sólida, com maior peso nas exportações nacionais e novas oportunidades de emprego. “Em relação à agricultura, por exemplo, os portugueses têm um comportamento bipolar: primeiro andaram numa fase depressiva e agora estão numa fase eufórica, dizendo que o sector vale ouro”, afirma Francisco Avillez, coordenador científico do AgroGes, sublinhando que nenhum desses estados equivale à realidade, até porque a agricultura do ponto de vista do valor acrescentado tem diminuído, em termos absolutos, desde 1990, alerta o professor.

Portugal usufrui de uma localização geográfica privilegiada na costa atlântica, com microclimas ideais para a produção de vários produtos, mas tem de apostar na diferenciação dos produtos para vingar lá fora. “A única forma de ultrapassarmos a Espanha, que é o maior exportador deste sector para a Europa, tem de ser ao nível da inovação e do valor acrescentado”, defende Carlos Carvalhina, administrador da NutriGreen.

Também Joaquim Sérvulo Rodrigues, CEO da Espírito Santo Ventures, considera que a transformação dos produtos é essencial para as exportações ganharem ainda maior peso na economia nacional. “Hoje em dia as exportações têm um valor significativo nesta área, mas pode representar um sector ainda mais relevante na economia portuguesa”, defende o responsável. O sector agroalimentar, agrícola e florestal já equivale a 20% das exportações nacionais.

Amândio Santos, presidente do Conselho de Administração da Portugal Foods — marca do sector que promove a produção

nacional — realçou que os produtos agrícolas portugueses estão entre os melhores do mundo e que o país pode não ter dimensão sectorial mas conseguir produtos com alta qualidade e características semelhantes. No entanto, defende Amândio Santos, é preciso apostar na criação de plataforma comum de partilha de estruturas e conhecimento. “Portugal é muito pequeno, as ameaças são enormes, se não tivermos diferenciação internacional somos engolidos”, declarou. Segundo o responsável pela PortugalFoods, o sector agroalimentar tem de operar em verdadeiro *cluster* sectorial, sendo que só assim é capaz de ter sucesso nos mercados internacionais. Além disso, o sector é cada vez mais atraente, uma vez que hoje a in-

A indústria agroalimentar deve apostar na diferenciação dos produtos para que estes possam vingar lá fora. É vital ainda criar clusters do sector para partilhar estruturas e conhecimentos

dústria agroalimentar é *clean* (limpa). “A grande mais-valia do sector é ter quadros qualificados. Esta nova geração que trabalha na área percebe que é possível vingar lá fora, mas em conjunto e não sozinho”, acrescentou. Também Francisco Avillez nota a importância da evolução do universo empresarial: “Temos assistido a alterações no tecido empresarial do sector agrícola e florestal, ganhando profissionais mais qualificados do ponto de vista técnico”, destaca o professor, reconhecendo que se trata de mais uma mais-valia para o sector.

Outro dos fatores que têm contribuído para o sucesso desta indústria foi o próprio reconhecimento da sua importância na criação de emprego e na criação de riqueza, mais relevante ainda na atual conjuntura, para a recuperação económica. “O agroalimentar e a agroindústria conseguiram vencer uma batalha no país que foi regressar à agenda política”, disse, por seu turno, João Miranda, presidente do Conselho de Administração da Frulact, acrescentando ainda que se conseguiu preencher uma grande lacuna, que era desligar o sector primário da indústria. Segundo João Miranda, mais grave ainda foi a falta de prioridade dada ao sector pelos anteriores Governos, mas hoje já está criada uma relação entre o sector primário e a economia, através de uma política que dá prioridade à diplomacia económica, como tem mostrado o trabalho conjunto entre o Ministério dos Negócios Estrangeiros e a Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP). O presidente do Conselho de Administração da Frulact defendeu ainda que é fundamental levar as empresas para as universidades e investir mais na inovação, dando como exemplo a sua empresa que tem tentado construir essa relação de conhecimento com o ensino superior. Sérvulo Rodrigues sustenta também que “a inovação no sector agroalimentar exige investimento, experiência e mais coo-

peração entre as empresas e as universidades”.

Relativamente à grande distribuição, muitas vezes o diferencial de preços leva o consumidor a optar pelos produtos das grandes superfícies, mas segundo Carlos Carvalhina, pequenas e médias empresas (PME), como a NutriGreen, não têm capacidade de apostar nas marcas brancas da grande distribuição, porque o investimento é alto e, muitas vezes, infrutífero. Mas por outro lado, o administrador da NutriGreen considera que as grandes marcas neste momento enfrentam um problema associado à falta de criatividade que as leva a associarem-se a empresas mais pequenas com centros de inovação, que só beneficiam a seu favor. Para Carlos Carvalhina, o “agroalimentar está a ferver”, apesar de enfrentar alguns obstáculos como o facto de a produção agrícola ser, na sua opinião, quase inexistente para responder às atuais necessidades do mercado. Francisco Avillez, defende, por seu turno, que os agricultores portugueses só não produzem certos produtos, porque nunca foram alertados para a sua necessidade.

O CEO da Espírito Santo Ventures frisa que tudo o que possa não ser feito pelo Estado é melhor, mas há questões incontornáveis, como os licenciamentos e o emparcelamento das terras. “É fundamental para ter maior rendimento produzir em dimensões mínimas”, defende. Francisco Avillez sugere, por seu turno, o emparcelamento da produção e das máquinas. Já Carlos Carvalhina sustenta que o Estado tem um papel fundamental, porque é o “grande proprietário agrícola”, devendo ceder terras para cultivo, com vista a melhorar a competitividade do sector. Mas Francisco Avillez garante que muitos milhões de hectares não são rentáveis, sendo necessário apostar em técnicas para melhorar a estrutura do solo e a qualidade da água. E nessa investigação o Estado também pode ter um papel vital.

lpcelho.externo@impresa.pt



“Inovação no sector agroalimentar” foi o tema de mais um debate do “Expresso do Meio-Dia”, que se realizou no Espaço BES Arte & Finança, em Lisboa



“A inovação no sector agroalimentar exige, sobretudo, investimento, experiência e mais cooperação entre as empresas e as universidades. Não podemos colocar as empresas em igualdade de circunstâncias, porque algumas empresas piores podem estragar a imagem das melhores”

JOAQUIM SÉRVULO RODRIGUES
CEO da Espírito Santo ventures

VEJA O VÍDEO EM:
www.expresso.pt/agroalimentardebate



Algarve pode produzir manga e abacate

O sector agroalimentar português tem condições únicas de produção para nichos de mercado

A indústria agroalimentar portuguesa é altamente competitiva, mas pode ter ainda um maior peso na economia, através da produção de novos produtos para nichos de mercado.

“Nós podemos diferenciar-nos mais do ponto de vista da transformação do que da produção relativamente, por exemplo, a Espanha”, disse Carlos Carvalhinha, administrador da NutriGreen, frisando que o solo espanhol tem graves contaminações e que, aproveitando este facto, Portugal pode apostar em indústrias verdes.

Por outro lado, é importante cada vez mais incorporar no mercado externo produtos exclusivamente nacionais, defende o professor Francisco Avillez, sublinhando, por exemplo, que a maior parte da matéria-prima da Compal é importada e que, apesar de termos custos mais caros por hectare do que outros países, há que tentar ultrapassar os obstáculos. “Estes produtos terão sempre mais valor quanto mais forem produzidos cá”, lembrou.

Além disso, Portugal tem um enorme potencial para produzir novos produtos agrícolas, usufruindo do clima mais ameno do sul ou da Madeira. Carlos Carvalhinha não tem dúvida de que o Algarve, por exemplo, poderia produzir manga, que tem um consumo quase igual ao da banana no país, ou mesmo abacate.

Portugal é um dos maiores produtores de azeite, vende cerca de €15 milhões de castanha por ano e tem dos melhores melões de casca de carvalho em termos de sabor, que é muito procurado.

A nível da produção e inovação, a Frulact, por exemplo, desenvolveu com a Deroovo uma forma de transformar a clara de ovo em algo bebível e assimilável pelo organismo, com benefícios ao nível das proteínas.

A marca tem três patentes registadas dentro da área de frutas, produzindo morango em forma de letras para decoração de sobremesas ou gelados.

João Miranda, presidente do conselho de administração da Frulact, garante que há cada vez mais empresas inovadoras e com altos níveis de segurança alimentar.

“Nós, em termos de patamares na tecnologia e segurança alimentar, estamos muito acima dos países mais desenvolvidos”, assegurou João Miranda.

“Ao nível da inovação em sumos, por exemplo, muito poucas marcas são tão boas ao nível da capacidade de criação de novos produtos”, rematou. A Sumol+Compal é, em seu entender, um exemplo disso.



“Portugal é um país muito pequeno, as ameaças são enormes, por isso, se não tivermos diferenciação internacional, somos engolidos. O sector agroalimentar tem de operar em verdadeiro *cluster sectorial*”

AMÂNDIO SANTOS
Presidente do conselho de administração da Portugal Foods



“A única forma de ultrapassarmos Espanha no sector tem de ser ao nível do valor acrescentado. Levar os nossos produtos lá fora sem criatividade e capacidade de diferenciação não é possível”

CARLOS CARVALHINHA
Administrador da NutriGreen



“Temos de começar a incorporar no mercado externo produtos exclusivamente nacionais. Temos custos mais caros por hectare que os outros, mas temos de saber ultrapassar os obstáculos”

FRANCISCO AVILLEZ
Coordenador científico da AgroGes



“O agroalimentar e a agroindústria conseguiram vencer uma batalha no país, que foi a reposição dos sectores na agenda política. Conseguiu-se ainda preencher uma grande lacuna que era desligar o sector primário da indústria”

JOÃO MIRANDA
Presidente do conselho de administração da Frulact